

NO CORAÇÃO DO HIGH TECH, O PAPEL TEM SEU VALOR

Entrevista Rodrigo Barbosa e Silva, Stanford University - Estados Unidos

Ariane Carla PEREIRA¹

Marcio FERNANDES²

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Paraná

Rodrigo Barbosa e Silva é daqueles que promovem rapidamente uma reviravolta na cabeça de seu interlocutor mais próximo, defendendo pontos de vista com argumentos bastante convincentes - especialmente quando se trata de Internet das Coisas, Inteligência Artificial e outras formas de alta tecnologia. Paranaense, doutor em Tecnologia pela UTFPR, é pós-doutorando pela Stanford University, no Vale do Silício, o coração americano da Inovação e da Transformação Digital. Em seu currículo, apresenta-se como membro de um grupo essencialmente inovador, o Lemann Fellows, e tem interesse 'no desenvolvimento de uma indústria de informática nacional e na formação intelectual autônoma da população brasileira'. A partir de sua residência em Palo Alto, na Califórnia, falou com exclusividade à Comunicação, Cultura e Sociedade. Nas linhas a seguir, desmistifica também alguns pensamentos totalizantes que por vezes surgem, como a ideia de que a mídia Papel está morrendo. E apresenta caminhos possíveis para o futuro dos professores de Jornalismo. Confira:

180

Comunicação, Cultura e Sociedade: A Internet das Coisas (Internet of Things-IoT em inglês) está transformando rapidamente nossa interação com as máquinas. Mudará também o modo como nos relacionamentos com as outras pessoas?

Rodrigo Barbosa e Silva: Não. Relacionamentos entre pessoas são mais complexos do que a interação com máquinas. Algo que é necessário enfatizar: o design do que chamamos de máquinas é intencional. Na prática, intencionalidade significa que as formas que as pessoas interagem com as plataformas são projetadas, testadas e cumprem um objetivo. Se a 'máquina' ou qualquer criação tecnológica modifica a interação entre pessoas, cumpre um objetivo de quem a projetou, de quem a criou. O

¹ Ariane Carla Pereira, jornalista diplomada, é doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e vice-líder do CLC Research and Action Group, que mantém cooperação científica com cientistas de dezenas de países. E-mail: ariane_carla@uol.com.br.

² Marcio Fernandes, jornalista diplomado, é doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com doutoramento-sanduíche pela Universidade de Lisboa (UL), e líder do CLC Research and Action Group, que mantém cooperação científica com cientistas de dezenas de países. E-mail: marciofernandes@unicentro.br.

interessante é identificar as relações de poder entre quem cria e quem consome máquinas e tecnologias. Para que as pessoas sejam mais criadoras e menos consumidoras, dedico-me a atividades construcionistas, a teoria de conhecimento proposta por Seymour Papert (matemático e educador americano), aliadas à pedagogia crítica de Paulo Freire. No campo da construção digital com computação e tecnologias, uma das iniciativas que atende a essas ideias é o FabLearn, projeto do professor brasileiro Paulo Blikstein (Columbia University, EUA). Outro ponto que merece atenção em um país em constante processo de catching up industrial e tecnológico como o Brasil é a filosofia do software livre. Não produzimos os principais softwares comerciais do mundo, mas temos reconhecida competência na criação e liderança de soluções livres.

CCS: Essas mudanças provocadas pela IoT vão impactar o ensino universitário? Se sim, já é possível antever de que modos? O ensino-aprendizagem ponto a ponto (professor-aluno) é um modelo que cada vez mais pertence ao passado?

RBS: Recentemente, estive na Rússia, discutindo com autoridades daquele país, ‘novos’ modos de aprender e ensinar com advento de tecnologias como IoT e Inteligência Artificial (IA). Na Rússia, há uma longa tradição de espaços de construção digital - que aqui chamamos makerspace -, além de reconhecido entusiasmo da educação com STEM (sigla em inglês para Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática). O Brasil também tem uma longa história de ‘objetos’ que eram fabricados nas instituições educacionais, seja em laboratórios de eletrônica e eletricidade, seja em marcenarias, ou outros ambientes onde alguma forma de automação acontecia acoplada a ‘coisas’. Nos EUA, a ideia de construir objetos é mais do que centenária. No início do século 20, havia distribuição regular de revistas nas casas para que as pessoas pudessem usar o porão ou a garagem para construir coisas. Em suma, estamos há muitas décadas ressignificando práticas que foram aprimoradas com o tempo. Atualmente, temos melhor capacidade de transmitir e armazenar dados, mas essas condições tecnológicas conceituais para isso têm 60 anos, no mínimo! Especificamente no ensino universitário público brasileiro, que considero uma das experiências nacionais mais exitosas, a relação entre quem leciona,

seja na docência ou na pesquisa, é insubstituível para quem deseja conhecer mais, explorar, descobrir e construir o mundo. Assim, no modelo colaborativo de sociedade que construímos, é impossível dissociar a figura de uma pessoa repassando conhecimento à outra. A relação docente <--> estudante, de via dupla, é como organizamos a sociedade. Educação, em sentido amplo, não é um treinamento que pode ser feito a distância. Na mais elevada instância, educar é transmitir, sedimentar e aumentar o conhecimento das gerações passadas para as próximas.

CCS: No campo do ensino do Jornalismo, muitas disciplinas têm atividades práticas - Telejornalismo e Radiojornalismo são duas delas e que, historicamente, necessitam de muitos equipamentos, algo que especialmente as universidades públicas têm dificuldade em prover com certa frequência. A IoT pode ajudar a mitigar esse cenário?

RBS: Sim. Uma das áreas que mais recebe investimento das produtoras de hardware de uso geral - smartphones, novos modelos de computadores, etc - é o audiovisual. Creio que a área percebe que o tamanho, preço e disponibilidade de equipamentos está muito diferente do que há 10 anos. As opções para manipulação de imagens, de som e transmissão de dados são abundantes. Assim, o grande desafio que temos à frente são questões éticas, como o Deep Fake.

CCS: Você vive em Palo Alto (EUA), no coração do universo high tech. O modo de consumir conteúdo jornalístico em Palo Alto e arredores é muito distinto de quem vive, por exemplo, nas pequenas e médias cidades brasileiras (onde boa parte dos egressos de Jornalismo acaba iniciando a carreira)?

RBS: Embora exista uma aura de inovação no Vale do Silício, a vida cotidiana lá não é tão diferente de qualquer cidade média brasileira. Especificamente, Palo Alto é uma cidade pequena - cerca de 60 mil habitantes - e muito rica. Isso é perceptível em uma vida calma e organizada. O que me impressiona no Vale do Silício é o número de veículos impressos, sejam jornais ou revistas. Existe o consumo de massa por dispositivos eletrônicos com em qualquer outro lugar, mas percebo que as pessoas lá preservam a intimidade do contato com materiais impressos.

CCS: A Stanford University é uma referência global em Inovação Educacional e bastante focada em pós-graduação. Imaginemos que uma missão de docentes brasileiros de Jornalismo resolva passar uma temporada, ainda que curta, em Stanford. O que eles poderiam assimilar? O que eles poderiam ensinar à comunidade da Stanford?

RBS: Algo marcante em Stanford é que não se percebe o discurso de interdisciplinaridade, pois isso acontece de forma natural. Assim, não é preciso demarcar enquanto conceito aquilo que se pratica constantemente. Pelo menos nas minhas expectativas e experiências como consumidor de Jornalismo, penso que ficariam impressionados com a cultura de comunicação em papel, tipo manifesto, aviso, cartaz, que Stanford adota. O campus tem várias estruturas em madeira disponíveis a quem quiser 'grampear' um anúncio de, por exemplo, competição de startups. Busca-se o que é inovador usando, também, veículos que são clássicos. Também penso que o jornal independente de estudantes, The Stanford Daily (<https://www.stanforddaily.com/>), seria uma boa experiência. O Jornalismo do Brasil teria muito a ensinar a Stanford em temas sociais, do cotidiano de quem precisa de uma estrutura pública (saúde, educação, emprego, etc) e não a tem. Também o Jornalismo da vida em coletivos - na igreja, nas associações, nas organizações - é mais vivo no Brasil. Gostaria que as pessoas que comunicam em Stanford tivessem essas ideias que são bem desenvolvidas em nosso País.

CCS: Stanford é uma grande formadora de pessoas qualificadas para a indústria da alta tecnologia. Você tem comentado que as grandes empresas de tecnologia dos EUA estão buscando desesperadamente talentos com formação em Humanidades. Qual é a relação que há neste cenário? Jornalistas podem entrar nessa onda?

RBS: Sim. Jornalistas adquirem conhecimentos, práticas e técnicas para compreender e explicar os mais diversos temas. A indústria de tecnologia está procurando pessoas que consigam entender e explicar as complexas relações sociais entre pessoas e as coisas

artificiais. Desse modo, quem compreende e aplica Comunicação enquanto teoria e prática social e humana tem vantagem sobre quem apenas tem o conhecimento da técnica. Como em qualquer outra área, mesmo na Computação, sugiro a quem estuda jornalismo que dedique-se a ler Sociologia, Filosofia, História, Educação. Nenhuma ciência é completa sem as discussões propostas pelas disciplinas clássicas chamadas de 'Humanas'.

CCS: Outro termo que comumente escutamos é Inteligência Artificial (AI, sigla em inglês). A AI tem sido usada para geração de Fake News, esse fenômeno que entrou no nosso vocabulário com força a partir de 2015. A Inteligência Artificial pode, digamos, ser utilizada também para o bem no campo do Jornalismo?

RBS: Bem e mal são conceitos diferentes em diversas partes. Eu costumo chamar Fake News de 'mentira'. A mentira sempre existiu em campanhas políticas, na Mídia e na Comunicação. Assim, não vejo diferença entre um panfleto mentiroso apócrifo e um boato mentiroso espalhado por Internet. O que a grande disponibilidade de dados trouxe é o poder imensurável de classificar pessoas. Infelizmente, agora quem mente sabe exatamente quem também é mentiroso e, pior, quem acredita em mentiras. A solução não está na Inteligência Artificial, pois isso seria criar filtros - logo, censura. A solução está em acreditar na inteligência real das pessoas. É um processo lento; confio na Humanidade.

CCS: Duas décadas atrás, o estudante de Jornalismo que entrava na faculdade tinha uma certa segurança de que as mídias que ele conhecia ainda existiriam quatro anos depois. Hoje, não se pode dizer isso. Que rumos podemos sugerir para esses futuros jornalistas tão logo eles iniciam as primeiras disciplinas?

RBS: Conheça o mundo! Concordo que veículos locais e nacionais estão virando plataformas automatizadas, mas nada substituirá quem domina um tema, um local, ou a interpretação da realidade de um território. Essa capacidade de entender o que acontece à sua volta - não importa se é um tema, uma cidade, um estado, uma país, um continente - e comunicar com competência a outras pessoas é insubstituível por

processos puramente digitais.

CCS: Muitos dos docentes que atuam em matérias práticas do Jornalismo nas universidades públicas têm bastante experiência de mercado, enquanto repórteres, editores, correspondentes, fotógrafos, etc. Mas essa experiência é lastreada em um quadro jornalístico do qual pouco sobrou, com a transformação digital que vivenciamos. A partir do olhar de quem, como dito antes, circula em um ambiente essencialmente de Inovação, como esses docentes podem se preparar para os próximos anos, de modo que continuem a ministrar atividades de excelência?

RBS: Eu vejo o estudo das tecnologias digitais como programação e IA como uma atividade de prazer tal qual a leitura. Quem está na docência lê e transmite o mundo. Dessa forma, invistam horas de suas leituras de mundo para estudar tecnologias. Explore a programação, IoT, IA, como exploram livros. Creio que estão em vantagem porque o produtivismo de plataformas não seria uma obrigação: não precisam se dedicar a programar ou a empregar técnicas de AI como um produto, e sim como o exercício da beleza da arte das tecnologias digitais.

185

Recebido em 01/04/2020

Aprovado em 08/05/2020